

Líderes opinarão na política econômica

BRASÍLIA — A troca da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello pelo embaixador Marcílio Marques Moreira foi o primeiro passo do presidente Fernando Collor para recompor sua base de sustentação no Congresso Nacional, mas o gesto decisivo aconteceu ontem, durante o almoço dos líderes do bloco com a nova equipe econômica. Além de orientar Marcílio a ouvir e responder a todas as reivindicações dos políticos, tanto o presidente como o novo ministro garantiram que todas as medidas econômicas anunciadas pelo governo serão discutidas previamente com as lideranças partidárias. A promessa não é nova, já que foi feita no início do governo, mas Zélia não a respeitou. Mas os líderes saíram animados com a repetição da promessa. “Foi um protocolo de intenções”, classificou Eduardo Siqueira Campos, líder do PDC.

Nessa nova etapa de entendimento com os líderes, Collor pediu a Marcílio que responda em tempo hábil a todos os pedidos. “É preciso que se perca o costume da luz vermelha”, disse o presidente, numa referência ao hábito dos burocratas de fecharem o sinal para os políticos. Na definição do presidente, a partir de agora, a equipe econômica “estará 24 horas por dia à disposição das lideranças partidárias”. E para acalmar os ânimos dos assessores de Marcílio, Collor disse: “A equipe econômica não deve ficar assustada com o impacto dessas reivindicações”. Os líderes gostaram do primeiro contato com Marcílio. “O ministro Marcílio mostrou que é habilidoso. Prometeu estudar todos os pedidos, mas não disse nenhum não”, comentou o líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá (SP).

Encantado — Para mostrar que é para valer o novo tratamento, todos os líderes foram convidados a participar, na próxima quinta-feira, de uma reunião ministerial no Palácio do Planalto. Siqueira Campos e Victor Faccioni, líder do PDS na Câmara, que estavam afastados do governo depois de terem colecionado uma série de brigas com a equipe econômica, não saíram da reunião reconciliados com o Planalto, mas gostaram do novo tratamento. “Todo mundo pediu e ouviu que pode pedir mais. Ninguém é obrigado a atender nada, mas pelo menos nossos pedidos não caem mais no vazio”, definiu o líder do PDS. Siqueira Campos ficou encantado com Marcílio, quando ele o puxou num canto e falou que reveria um veto que a ex-equipe fez a um projeto seu aprovado pelo Congresso.

Collor recebeu os líderes na porta do Palácio da Alvorada e a cada um deles agradeceu por ter atendido a seu “chamamento cívico”. Todos os partidos que dão ou que já deram sustentação ao governo no Congresso — PFL, PRN, PDS, PDC e PL — participaram do almoço. A única exceção foi o líder do PTB, Gastone Righi (SP), que se recusou a ir, mesmo após um apelo do ministro da Justiça, Jarbas Passarinho. Depois de apresentar pessoalmente cada líder a cada um dos integrantes da equipe de Marcílio, Collor conduziu todos à mesa. Enquanto comiam salada de bacalhau com grão de bico, rosbife com champignon e, de sobremesa, pudim de claras, ouviram a garantia do presidente de que a mudança da equipe não significa alterações do programa econômico. Pouco convencido da garantia, Faccioni brincou: “Não muda-

ram apenas os músicos da orquestra, mudaram a sonata. O ritmo deve mudar”. Collor sorriu.

Recessão — “Todos os líderes pediram ao presidente algum tipo de alteração na política econômica, principalmente visando uma retomada imediata do crescimento econômico”, disse Faccioni. Marcílio ouviu a tudo calado. Tranquilizou os líderes, quando disse que os cruzados bloqueados serão devolvidos na data prevista. Faria de Sá sugeriu ao ministro da Economia que ele vá à televisão dar esta garantia à população, que está desconfiada. Collor anunciou aos líderes que não haverá nenhum descongelamento imediato e que os aumentos de preços, que chamou de flexibilização, obedecerão ao ritmo das negociações nas câmaras setoriais.

Para o almoço, Collor reuniu, além do ministro da Economia, os ministros Jarbas Passarinho, da Justiça e João Santana, da Infra-Estrutura. Marcílio compareceu ao encontro escoltado por seu chefe de gabinete, os cinco secretários, e os presidentes do Banco Central, Francisco Gros, do Banco do Brasil, Lafaete Coutinho, da Caixa Econômica Federal, Álvaro Mendonça, e do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Eduardo Modiano. As caras novas exigiram uma precaução da segurança. Antes de entrar pelos portões do Palácio da Alvorada, todos tiveram de apresentar um convite, que anunciava um “almoço de trabalho” - designação dada para agradar aos líderes partidários, que num primeiro momento chegaram a dizer que não iriam ao encontro porque não queriam ser apenas figuração da reunião do Executivo.